



SISTEMA DE DISCURSO: ÉTICA, POÉTICA, POLÍTICA E TRADUÇÃO

MAURÍCIO GIORDANO¹; DAIANE NEUMANN².

¹Universidade Federal de Pelotas – mauricio7giordano@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – daiane_neumann@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte de uma série de discussões feitas acerca da relação entre o *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, e os conceitos teóricos desenvolvidos na obra de Gérard Dessoins e Henri Meschonnic, *Traité du rythme: des vers et des proses*, publicada em 2003. Os autores de *Traité du rythme* buscam em Saussure e Benveniste a base da sua argumentação para fundar uma nova noção de ritmo. Tal noção considera o ritmo como um contínuo, como parte indissociável do texto, por conseguinte, dotado de sentido. Dessoins e Meschonnic (2003) propõem uma nova leitura do CLG que é, em parte, possível por conta do trabalho de Benveniste em *Problèmes de linguistique générale* I e II.

O ritmo, em Dessoins e Meschonnic (2003), não é algo que pode ser confundido com a métrica. Considerando essa noção de ritmo como aquilo que organiza o discurso de forma única, buscamos em *Éthique et politique du traduire*, de Henri Meschonnic (2007), os fundamentos teóricos para propor uma tradução que considere o ritmo do texto, ao seja, a sua subjetividade.

É importante notar que, nessa obra, Meschonnic não propõe nenhuma modelo de como uma tradução deve ser feita. Ao contrário, ele nos mostra que há mais de uma maneira de traduzir e rotaciona a questão: não devemos mais pensar como traduzir, mas sim, o que traduzir.

É nesse ponto, precisamente, que a tradução se torna ética e política. Para Meschonnic, uma tradução ética envolve usar todos os recursos disponíveis para trazer o que é essencial àquela obra para a língua-alvo, ou seja, aquilo que é único, singular. Disso, o ético é aquilo que a obra produz no corpo, seja ele individual ou social. O autor (2007) afirma que uma obra não nasce em uma língua, mas uma língua nasce de uma obra. Não foi o hebraico que gerou a Bíblia, mas a Bíblia que construiu a posição política do hebraico.

A tradução que Meschonnic propõe da Bíblia é uma tradução literária, o que fundamenta boa parte dos nossos questionamentos acerca do papel do tradutor. Esse trabalho busca fazer questionamentos acerca desse papel, bem como pensar o fazer teórico e a prática real.

2. METODOLOGIA

A pesquisa concomitante do CLG e do *Traité du rythme* possibilitou perceber a fundamentação para a noção de *discurso* em Dessoins e Meschonnic (2003). Saussure propõe noções como *valor*, *arbitrariedade*, *sistema* e faz reflexões acerca do *eixo associativo* e *sintagmático*. Esses conceitos levaram os autores de *Traité du rythme* a teorizar acerca da noção de discurso. Para Dessoins e Meschonnic (2003), é através do discurso que se constrói a subjetividade na língua, conforme propôs Benveniste.

Dessas leituras, fomos capazes de discutir mais profundamente os temas abordados por Henri Meschonnic (2007) acerca da tradução. A base do trabalho, até o momento, consiste em analisar os exemplos propostos pelo autor em



Éthique et politique du traduire e refletir sobre como essa teoria pode ser aplicada em traduções que tenham como língua-alvo o português brasileiro.

Meschonnic (2007) propõe que na tradução do hebraico para o francês, devemos “taamisar” o francês. Devemos trazer aquilo que é único do texto bíblico para a língua francesa. Dessa maneira, a tradução toma um papel evidentemente político, no qual ela ativamente age sobre o campo do possível na língua-alvo. Por consequência, o tradutor se expõe ainda mais no discurso.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As reflexões de Meschonnic estão sendo consideradas para refletir sobre o fazer teórico acerca da tradução do inglês para o português. Entretanto, não se pensa a tradução da língua inglesa, mas das obras em língua inglesa, o que é uma mudança aparentemente pequena, mas que, acreditamos, tenha resultados drásticos.

Essas discussões se deram a partir da noção de sistema de discurso proposta em *Traité du rythme* (2003). De tal noção, pudemos começar a refletir mais profundamente sobre como um texto cria possibilidades de leitura, como o texto afeta os corpos. Partiremos desse afetamento para o fazer tradutório. Fazer esse que, até o momento, está impregnado de perguntas e de considerações que pretendem ser respondidas ou ainda mais complexificadas no trabalho tradutório empírico.

O texto, então, é um sistema pelo qual um sujeito não apenas enuncia, mas vive na língua. Feitas essas considerações acerca do nosso ponto de vista a respeito da linguagem, esse trabalho encaminha-se para um fazer empírico que é o fazer tradutório. Perguntamo-nos como considerar o sujeito do discurso quando se traduz.

Meschonnic (2007) propõe que escutemos o ritmo. Essa é uma característica fundamental de um trabalho meschonniquiano. Na tradução, isso acontece quando traduzimos o que está sendo constituído no discurso e não as palavras. Partimos da ideia de que as palavras em si não têm um significado estanque, mas é a sua organização no discurso que produz a sua significância. É essa produção que buscamos traduzir.

Para isso, contudo, devemos considerar que o tradutor não é apenas uma ferramenta pela qual se verte uma tradução. Consideramos o tradutor na posição de escritor, por isso, a tradução sempre será uma criação na língua-alvo. Sem dúvida, o tradutor ouve e dialoga com o texto sendo traduzido, mas para efetivamente ser capaz de produzir sentido, ele deve fazer isso *produzir*. Percebe-se o tradutor em uma posição ativa e criativa, ainda que Meschonnic (2007) apresente seu trabalho e o justifique, nosso trabalho não será feito a partir de sua prática tradutória, mas sim do que ele teorizou.

O próximo passo desse trabalho será o processo tradutório. Elaboramos uma discussão acerca do que pode ser feito em tradução e de como isso deve ser feito. Não obstante, consideramos que esse fazer é empírico. Qualquer teoria que possa ser elaborada acerca de traduzir o ritmo de obras em inglês acontecerá partindo do texto. Nosso objetivo é traduzir o que Benveniste e depois Meschonnic chamaram de *discurso*. Traduzir essa produção única de uma obra não é uma tarefa fácil, mas partiremos de uma base teórica inquisidora e tendo em mente que os resultados obtidos serão tanto do fazer teórico quanto empírico.



Consideraremos todos os elementos propostos em *Traité du rythme* (2003) para traduzir. Não há prognóstico de qual será o resultado final desse trabalho, mas o espírito se pretende conduzir pelo produzido na obra para produzir na tradução.

4. CONCLUSÕES

Em *Éthique et politique du traduire*, Meschonnic propõe que a tradução seja feita considerando o que chama de ético. Por ético, entende-se o que o texto produz que é irrepetível, único. Meschonnic (2007) propôs que essa teoria fosse empírica. A técnica da tradução se desenvolve traduzindo. Contudo, traduções e análises de textos serão feitas considerando o discurso, o ritmo e a ética do texto.

É preciso traduzir o texto de maneira que considere o ético, essa foi a principal conclusão das discussões realizadas no trabalho de pesquisa. Mesmo que Meschonnic (2007) proponha o uso da palavra ética de uma maneira pouco ortodoxa, há um ponto em comum com o sentido geralmente aceito: deve-se pensar cada caso como único. É assim que entendemos a obra de arte literária, como um sistema único capaz de produzir sujeitos e sentidos ainda não produzidos.

É desse ponto de vista de respeitar o ético no texto e, ao mesmo tempo, estar ciente, por consequência, do político no texto, que vemos uma possibilidade nova no fazer tradutório.

Reconhecemos que devido à posição política que a língua inglesa ocupa na atualidade, há muitos trabalhos tanto de tradução como teoria da tradução tendo esta como língua de partida. Contudo, consideramos que a nossa teorização abre uma nova possibilidade quando, no fim das contas, não traduzimos a língua, mas sim o que Dessons e Meschonnic (2003) chamam de *discurso*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale**, v.1. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale**, v.2. Paris: Gallimard, 1974.
- DESSONS, G.; MESCHONNIC, H. **Traité du rythme – des vers et des proses**. Paris: Nathan, 2003.
- MESCHONNIC, H. **Éthique et politique du traduire**. Paris: Verdier, 2007.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.